

Com carro e casa adiados, não-durável vende mais

André Torretta, sócio da Ponte Estratégia, empresa de pesquisa focada na base da pirâmide, passou duas semanas sem receber um telefonema. Mas, na semana passada, fechou três contratos um com um cliente da indústria farmacêutica, outro com uma empresa de mídia e o terceiro com uma fabricante de bebidas. "As empresas estão se dando conta de que o Brasil não tem que correr atrás do bonde, das boas oportunidades lá fora: agora, nós somos o bonde", define Torretta, fazendo coro ao discurso das multinacionais, que pretendem dar ênfase às operações nos mercados emergentes, entre eles o brasileiro, diante da recessão que bate à porta da Europa e dos Estados Unidos.

Tanto a Ponte Estratégia quanto a concorrente Data Popular acreditam que a baixa renda vai continuar puxando para cima o consumo em 2009, desde que não haja aumento do desemprego. "A classe C não faz poupança, portanto, se ela recebe, gasta", diz Torretta.

Para o economista Haroldo Torres, sócio do Data Popular, quem estava guardando ou iria guardar dinheiro para a compra de bens duráveis que dependem de crédito para financiamento como automóveis, imóveis e mesmo eletroeletrônicos, como computador pode desistir do projeto e despejar mais dinheiro na compra de alimentos, bebidas e itens de higiene pessoal. "Quem não tomava iogurte e passou a consumir tem resistência em deixar de comprar o produto", ressalta Torres. "Nesse caso, é provável que migre para a marca mais barata e não deixe de lado a categoria, a não ser que se encontre em uma situação extrema, de falta de emprego".

A princípio, Torres não vê chances de perda de postos de trabalho, mas sim na retração da oferta de vagas, uma vez que as empresas tendem a estar mais reticentes em relação à expansão das suas operações. "O aumento do emprego formal foi o que trouxe muitos consumidores para a classe C", diz o economista. Seja como for, a base da pirâmide é muito mais flexível quando o assunto é gerar renda, lembra. "Eles fazem bicos e conseguem manter o básico".

Fonte: Valor Econômico, São Paulo, 27 out. 2008, Empresas & Tecnologia, p. B4.